



O petróleo tem que ser nosso e a Petrobrás, também!

Cerca de cinco mil pessoas atenderam ao chamado da FUP, centrais sindicais e movimentos sociais e realizaram no dia 21, uma grande manifestação que parou o centro do Rio de Janeiro, em defesa da Petrobrás e por uma legislação que garanta o controle estatal e social das reservas brasileiras de petróleo e gás. Com palavras de ordens, como "parar a Petrobrás é para o Brasil" e "o petróleo é nosso, ninguém pode nos roubar", trabalhadores, estudantes e militantes sociais deram o tom do ato público, iniciado pela manhã, na Candelária.

Os manifestantes seguiram em passeata pela Avenida Rio Branco, arrastando o povo em uma grande marcha em defesa da soberania nacional. Do alto do caminhão de som, lideranças sindicais e dos movimentos sociais manifestavam-se contra a CPI armada pela direita para atacar a Petrobrás. "A juventude continuará ocupando as ruas, em defesa do patrimônio nacional, como fez na década de 50, durante a campanha *O petróleo é nosso*. A Petrobrás é patrimônio do povo brasileiro e precisa

ser fortalecida e defendida dos projetos privatistas da direita", ressaltou a presidente da UNE, Lúcia Stumpf.

"A Petrobrás vive constantemente ameaçada. Por isso, é fundamental estarmos mobilizados para defender o patrimônio público e deter os braços dos entreguistas", declarou o presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Maurício Azedo. "Foi no auditório da ABI que nasceu a campanha *O petróleo é nosso* e estamos novamente juntos na luta em defesa da Petrobrás e pela retomada do monopólio estatal do petróleo", enfatizou.

Milhares no abraço à Petrobrás



Caravanas nacionalistas

Vários sindicatos de petroleiros enviaram ônibus com militantes para o ato. Caravanas da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná/Santa Catarina, Norte Fluminense e Duque de Caxias somaram-se aos demais manifestantes. Os petroleiros da Bahia chegaram a enfrentar 40 horas de viagem para estarem presentes na luta em defesa da Petrobrás e da soberania nacional.

Os metalúrgicos de Niterói, São Gonçalo e Itaboraí também chegaram ao ato, em uma caravana com 30 ônibus. “A Petrobrás foi e continua sendo fundamental para o setor naval. Desde que o governo Lula nacionalizou a construção de navios e plataformas da Petrobrás, a indústria naval renasceu. Foram gerados 35 mil postos de trabalho só no setor naval e mais de 60 mil em toda a indústria metalúrgica, se somarmos os empregos diretos e indiretos”, ressaltou Luis Guimarães, diretor de base dos metalúrgicos de Niterói.

“Não vamos deixar a direita privatizar a Petrobrás”, clamavam os manifestantes durante a passeata, ao entrarem na Avenida Chile, onde fica localizado o edifício sede da estatal. De mãos dadas, trabalhadores, estudantes, militantes sociais e parlamentares formaram um gigantesco cordão em torno do prédio. Cerca de cinco mil manifestantes, ao som do Hino Nacional, realizaram um abraço simbólico da Petrobrás, repudiando a tentativa da direita de retomar o projeto de privatização da maior empresa do país.

Lamentavelmente, os gestores da Petrobrás, valendo-se do mesmo expediente autoritário utilizado contra os trabalhadores nos movimentos grevistas, fecharam todas as portarias do edifício. Os manifestantes não se renderam e, apesar das dificuldades para contornar o prédio com os acessos bloqueados, realizaram, mesmo assim, o ato patriótico em defesa da Petrobrás.



Unidade em defesa da soberania

O ato do dia 21 de maio foi o primeiro de muitos outros que serão realizados pelos movimentos sociais que integram a campanha O petróleo tem quer ser nosso! A esquerda está unida para fortalecer a Petrobrás enquanto empresa pública e na luta pelo controle estatal e social das reservas de petróleo e gás.

“Fico muito feliz de ver neste ato que as frentes de esquerda estão unificadas na luta em defesa da soberania nacional. A CPI é apenas um dos nossos desafios. O processo de entrega do petróleo está em curso desde FHC. Por isso, é fundamental a volta às ruas do povo brasileiro, organizado pelos movimentos de esquerda na luta para garantir as riquezas geradas pelo petróleo sejam utilizadas para resolver as questões sociais”, afirmou João Paulo Rodrigues, da Coordenação Nacional do MST. “Vamos passar por cima desta CPI, construindo uma frente única de luta para derrotar a direita privatista”, ressaltou.

João Paulo-MST



João Moraes - FUP

O coordenador da FUP, João Antônio de Moraes, também frisou a importância da unidade dos trabalhadores e movimentos sociais para fortalecer a Petrobrás e avançar na luta pela retomada do monopólio estatal do petróleo. “Estamos diante de duas frentes de batalha, a dos privatistas, encabeçada pelo PSDB e pelo DEM, e a dos que lutam em defesa dos interesses do povo, que são as frentes de esquerda”, enfatizou, citando a frase antológica de Barbosa Lima Sobrinho, de que o Brasil é dividido em dois partidos políticos, o de Silvério dos Reis (delator dos inconfidentes, que lutavam pela independência) e o de Tiradentes.

“Como nos anos 40 e 50, quando os patriotas brasileiros unificaram suas forças por um ideal nacionalista, na campanha *O petróleo é nosso*, estamos novamente nas ruas, unidos para recuperar um patrimônio, que é do povo brasileiro. Esse é o primeiro ato que estamos realizando. Continuaremos nas ruas, de braços dados, na luta pela reconquista do nosso petróleo e contra a privatização da Petrobrás”, destacou o coordenador da FUP.



“É fundamental a unidade das frentes progressistas na luta em defesa da Petrobrás e do monopólio estatal do petróleo”

Maurício Azedo,
presidente da ABI



“Os estudantes estarão sempre presentes nas lutas em defesa do patrimônio público e por um projeto de desenvolvimento nacional e soberano”

Lúcia Stumpf,
presidente da UNE



O povo volta às ruas pelo monopólio



Entidades presentes no ato:

FUP, CUT, CNQ, CTB, Intersindical, UNE, UBES, MST, Confederação Nacional das Associações de Moradores (CONAM), Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, Itaboraí e São Gonçalo, Sindicato dos Químicos e Petroleiros da Bahia, Sindipetro-PR/SC, Sindipetro-MG, Sindipetro-ES, Sindipetro Unificado SP, Sindipetro-NF, Sindipetro Caxias, Sindipetro-RJ, Sindicato dos Bancários do Rio, Sindicato dos Trabalhadores dos Correios do Rio, Sindicato dos Portuários do Rio, Sindicato dos Advogados do Rio, Sindicato dos Engenheiros do Rio, entre outras entidades.



Partidos presentes no ato:

PT, PCdoB, PSB, PCB, PSOL.

Parlamentares presentes no ato:

Deputados federais Luis Sérgio (PT/RJ), Chico D'Ángelo (PT/RJ), Luiz Alberto (PT/BA), Antônio Carlos Biscaia (PT/RJ), Jorge Bittar (PT/RJ), Irini Lopes (PT/ES); deputados estaduais Alessandro Molon (PT/RJ), Rodrigo Neves (PT/RJ), Gilberto Palmares (PT/RJ), Inês Pandeló (PT/RJ). O prefeito de Nova Iguaçu, Lindemberg Faria (PT/RJ), também participou do ato.

“Ataques contra Petrobrás ocultam outros objetivos”

“O fato de que os principais defensores da CPI da Petrobrás sejam os mesmos que se empenham ativamente na derrubada da lei 2004 (que garantia o monopólio estatal do petróleo) só contribui para aumentar nossas desconfianças quanto à seriedade da iniciativa, talvez mera jogada no xadrez políticos das eleições de 2010. O que todos os patriotas têm a fazer é cerrar fileiras em torno da defesa da camada de pré-sal por brasileiros e em benefício do país. Não é à toa que a IV Frota Naval norte-americana foi reativada depois da descoberta desta promissora riqueza em nossa plataforma continental. Lembremos a lição de Barbosa Lima Sobrinho,

defendendo o patrimônio público nacional. Pensar o Brasil significa pensar grande, acima de injunções político-partidárias. Pensar no povo brasileiro é patriótico e indispensável” depoimento de Maria Augusta Tibiriçá Miranda, 91 anos, lido durante o ato em defesa da Petrobrás.

Presidente do Movimento em defesa da Economia Nacional (Modecon), Maria Augusta vem dedicando a maior parte de sua vida à luta em defesa do monopólio estatal do petróleo e da Petrobrás. No final da década de 40, participou da fundação do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e, a partir de então, se engajou na campanha “O Petróleo é Nosso”, o maior movimento de massas da história do Brasil. Anos mais tarde, em 1983, publicou o livro “O Petróleo é Nosso - A luta contra o ‘entreguismo’, pelo monopólio estatal”, reeditado em 2004 pela Petrobrás, na comemoração dos 50 anos da empresa.

Acesse o portal www.presal.org.br e participe da campanha *O petróleo tem que ser nosso!* Ajude a divulgar o abaixo assinado em defesa do projeto de lei de iniciativa popular para restabelecer o monopólio estatal do petróleo, com controle social. Precisamos coletar 1,3 milhão de assinaturas! Participe! Esta luta é de todos nós!